

Gestão sanitária da COVID-19 e o conspiracionismo do “marxismo cultural”: uma revisão sistemática crítica marxista

COVID-19 health management and the conspiracy of “cultural marxism”: a critical marxist systematic review

Ana Paula Andrade Piccini Gomes¹ (ORCID: <https://orcid.org/0009-0007-1280-7767>)

Leonardo Carnut² (ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6415-6977>)

¹Enfermeira.

²Professor Adjunto da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), Programa de Pós-graduação em Ensino em Ciências da Saúde (PPGECS), Centro de Desenvolvimento do Ensino Superior de Saúde (CEDESS).

Resumo

Revisou-se sobre o que a literatura apresenta sobre a gestão sanitária da COVID-19 no mundo e os argumentos conspiracionistas do “marxismo cultural”. Para tanto, foi realizada uma revisão crítica sistemática da literatura marxista tomando como fonte 70 revistas marxistas e 1 anais especializados que publicam conteúdos marxistas. A estratégia de busca foi construída com os termos-livres: ‘marxismo cultural’, ‘Escola de Frankfurt’, ‘guerra cultural’, ‘conservadorismo’ e ‘bolchevismo’. Português, inglês, francês e espanhol foram o limite de idioma. A análise dos dados foi realizada por meio da análise crítica de conteúdo de abordagem marxista. Das 1085 publicações identificadas, apenas 15 artigos foram incluídos. Os seguintes elementos dos artigos foram sintetizados e criticados: os ‘aspectos metodológicos dos artigos’; as ‘perspectivas no campo da saúde’; as ‘influências conspiracionistas’; o ‘panorama das teorias conspiratórias’; e as ‘soluções encaminhadas pelos autores’. Ainda foi identificada a posição de poder dos sujeitos autores dos artigos e construído um quadro teórico crítico. Os artigos revisados permitem afirmar que há uma tentativa de obscurecer o “marxismo cultural” o substituindo, muitas vezes, por termos genéricos como ‘negacionismo’. Neste caminho, os artigos concluem que há que uma relação entre os ‘conspiracionismos’ e a saúde tanto em termos da crise sanitária como na gestão da mesma. A renúncia ao termo “marxismo cultural” desperta a reflexão sobre o quanto a produção científica marxista sobre este tema tem se colocado como oposição crítica ao capitalismo.

Descritores: COVID-19, capitalismo, gestão em saúde, política.

Abstract

A review was made of what the literature presents on the health management of COVID-19 in the world and the conspiracy arguments of “cultural Marxism”. To do this, a systematic critical review of Marxist literature was carried out, taking as a source 70 Marxist journals and 1 specialized annals that publish Marxist content. The search strategy was built with free-terms as: 'cultural Marxism', 'Frankfurt School', 'culture war', 'conservatism' and 'Bolshevism'. Portuguese, French, English and Spanish were the language limit. Data analysis was carried out through critical content analysis based on a

Marxist approach. It was identified 1085 publications. Only 15 articles were included. The following elements of the articles were synthesized and criticized: the 'methodological aspects of the articles'; the 'perspectives in the field of health'; the 'conspiracy influences'; the 'landscape of conspiracy theories'; and the 'solutions forwarded by the authors'. The position of power of the subject authors of the articles was also assured and a critical theoretical framework was built. The reviewed articles allow us to state that there is an attempt to obscure “cultural Marxism”, often replacing it with generic terms such as “denialism”. Along these lines, the articles conclude that there is a relationship between 'conspiracy' and health both in terms of the health crisis and its management. The renunciation of the term “cultural Marxism” generates reflection on the Marxist scientific production and its responsibility on this topic that it has been weakened positioned as a critical opposition to capitalism.

Keywords: COVID-19, capitalism, health management, politics.

Introdução

“Teorias da conspiração fazem mal a saúde”, assevera a Organização Pan-Americana de Saúde em documento editado em 2020¹ após identificar os problemas relacionados à COVID-19 e a adesão às vacinas.

A rigor, as teorias da conspiração são um conjunto de argumentos que edificam “teorias” não provadas que ganham o adágio popular a se referirem, majoritariamente – mas não exclusivamente –, a planos de governo clandestinos, tramas de assassinatos elaborados, supressão de tecnologias e conhecimentos secretos, além de outros esquemas supostamente por trás de certos eventos políticos, culturais e históricos. As teorias conspiratórias partem do pressuposto de que um grupo de pessoas (os conspiradores) estão envolvidos em um plano secreto (a conspiração) e cujas provas foram suprimidas para não permitir o rastreamento e investigação do envolvimento destes indivíduos neste plano².

Em que pese a menção do termo “teorias conspiratórias” na cartilha da OPAS, o termo aparece marginalizado, dando destaque para os termos ‘infodemia’ e ‘desinformação’. O mesmo documento relata como ‘infodemia’ o excesso de informações, algumas precisas e outras não, que tornam difícil encontrar fontes idôneas e orientações confiáveis quando se precisa¹. Ainda, descreve como ‘desinformação’ uma informação falsa ou imprecisa cuja intenção deliberada é enganar. No contexto da pandemia de COVID-19, a ‘desinformação’ afetou profundamente todos os aspectos da vida e, mais especificamente, a saúde mental das pessoas, pois a busca por atualizações e informações¹ diante do volume de informações falsas, gerou confucionismo e adesão inconsciente às ditas “teorias da conspiração”. Quem gera desinformação pode até não

ser um crédulo nas teorias conspiratórias, mas quem é crédulo nas teorias conspiratórias necessariamente disseminam desinformação.

Por isso que, em uma perspectiva de análise da Economia Política Crítica, a visão reduzida ao par “infodemia-desinformação” é problemática, obviamente, se há o desejo de se ter uma visão de totalidade do problema. Na realidade, aquilo que o documento da OPAS faz é suavizar a centralidade das teorias conspiratórias, mais uma vez, operando um mecanismo narrativo sutil, de desviar a atenção do leitor para a emergência destes tipos de teorias e sua ligação com o momento histórico da crise pandêmica e em uma situação de capitalismo em descenso. Assim, tendo em vista que as teorias conspiratórias são o centro (e não o apêndice) do “caos” informacional, vale investir esforços em entender o porquê estas teorias emergem e qual a compreensão sobre a pandemia do COVID-19 apresentam.

Do ponto de vista histórico, as teorias conspiratórias não são nenhuma novidade. Sempre houve teorias conspiratórias nas sociedades humanas que emergem especialmente em períodos sócio-históricos de crise. Todas as áreas apresentam conspirações deste tipo como por exemplo, sobre a ‘as mudanças sociais mundiais’ (teoria da “Nova Ordem Mundial”, os “iluminati”, a “Conspiração Judaico-Maçônico-Comunista Mundial”, a “Conspiração dos ataques de 11 de Setembro”); sobre ‘Raça, etnia e religião’ (o “Hoaxes Antissemitas”, “Profecias apocalípticas baseadas na escatologia cristã”, o “Papado, Vaticano e Igreja Católica Romana”, a “Teoria da conspiração sobre a Bíblia” e os “Cavaleiros Templários”); sobre os ‘Extraterrestres’ (tipos de “Invasão alienígena”), na Saúde (“Criação de doenças” e as “Teorias conspiratórias sobre a fluoretação das águas”), na Ciência e Tecnologia (como o “Experimento Filadélfia” ou a “Falácia do Aquecimento Global”) e ainda sobre as ‘mortes misteriosas’ (“Michael Jackson não morreu” ou sobre o “Assassinato de Abraham Lincoln”)³.

Dentre esta profusão de teorias da conspiração, uma delas tem sido frequentemente vociferada no mundo e, especialmente no Brasil: o “marxismo cultural”. Esta teoria conspiratória designa um conjunto de estratégias que teriam sido desenvolvidas pela Escola de Frankfurt e por Antonio Gramsci e posta em prática pela esquerda mundial, objetivando a destruição da cultura ocidental⁴. Isto tem sido combinado com sucesso no Brasil com outra teoria: a da “Ameaça comunista no Brasil”, uma crença de que o país está à beira de se converter ao comunismo.

Os grupos que creem no “marxismo cultural” têm convergido com outros na propagação de um conjunto de argumentos de que sustentam várias teses negacionistas

da ciência como o antivacinação e outras descrenças na ciência relacionadas a tratamentos e imunização de COVID-19 atribuídas a grupos de esquerda ou uma suposta dominação da ‘esquerda mundial’². É importante ressaltar que o cenário não está restrito ao COVID-19, mas vem de antes. O caso do sarampo nos EUA e a negação da vacina tetravalente viral é um deles. Outro caso na Austrália descrito em um estudo de 2016 concluiu que 23 mortes ocorridas entre 2005-2014 causadas por uma série de doenças diferentes poderiam ter sido evitadas com estas vacinas. As pessoas que não se vacinam geralmente optam deliberadamente por não fazê-lo pois acreditam que a imunização faz mal e, muitas vezes, que as companhias farmacêuticas encobrem seus efeitos prejudiciais².

Em que pese que os “argumentos antivacinas” sejam anteriores à crise do COVID-19 e à própria emergência dos adeptos à crença no “marxismo cultural”, estes adeptos têm propagado essas negações gerando efeitos catastróficos. Alguns pesquisadores têm se dedicado a entender melhor os fatores envolvidos nesses desdobramentos da adesão a essas teorias conspiratórias³.

Em uma pesquisa⁵ transversal realizada com adultos norte-americanos, demonstra a crença em teorias conspiratórias a respeito da COVID-19 (transmissão do vírus por faixas de emissão 5G, conspiração da vacina por Bill Gates, desenvolvimento laboratorial do vírus, restrições de liberdade e científica). Participaram da pesquisa 660 pessoas, sendo todas questionadas sobre a credibilidade das cinco narrativas selecionadas, orientação política, compromisso religioso, confiança na ciência e itens sociodemográficos. Emergiram quatro perfis distintos de crença e uma das principais conclusões do estudo é de que a crença na narrativa que reflete o consenso científico pode não ser mutuamente excludente da crença em desinformação ou em conspirações⁵. Ou seja, alguém que crê na ciência pode crer, ao mesmo tempo, em desinformações e conspirações, complexificando ainda mais o problema.

Já em um estudo feito em Alagoas⁶, Brasil, demonstra dados ainda mais relevantes. Analisando as afirmativas feitas de forma cruzada, os indivíduos que indicaram discordar totalmente em tomar a vacina para a COVID-19, 84% selecionou ao menos uma das declarações conspiratórias sobre a pandemia, 28% indicaria vacinas em geral a amigos e familiares por acreditar na sua eficácia, 20% não indicaria vacinas em geral, sem especificar o motivo e 52% indicariam apenas algumas vacinas específicas do calendário vacinal, 44% afirmaram que buscam ativamente manter seu calendário

vacinal atualizado e 20% informaram que não se vacinariam, pois consideram que as vacinas no geral são prejudiciais⁶.

O fato é que, de posse destes dos supracitados, engana-se quem acredita que as teorias de conspiração não penetram na sociedade e não tem efeitos devastadores. Apesar de poderem beirar ‘o ridículo’, encontram ‘verdades’ em um longo histórico de informações inverídicas que acabam por criar uma realidade paralela, tornando-se praticamente impossível questionar tais teorias já que a argumentação racional dificilmente encontrará espaço para o diálogo².

O irracionalismo dos que creem e disseminação a suposta existência do “marxismo cultural” se aproveitam da situação da crise tripla (econômica, ecológica e sanitária)⁷ tomando esta última para fortalecer o alcance desta teoria conspiratória e depositar na esquerda mundial a responsabilidade da criação e disseminação do Sars-Cov-2 por exemplo. Os que creem no “marxismo cultural” acreditam que realmente existe um golpe comunista em curso e que esse se dará através da destruição da cultura ocidental burguesa⁴. Essa ideia ganhou espaço principalmente após o fim da URSS, nos anos 1990, trazendo a certeza de que a concretização do comunismo se dá atualmente pela hegemonia cultural.

Os que creem no “marxismo cultural” criam, assim, um clima de ameaça constante onde é impossível palpar o inimigo real. Ora, se esse inimigo não é “visto a olho nu”, afinal, trata-se de uma teoria da conspiração, não há limites racionais e céticos que culminem em uma discussão razoável no campo das ideias. Tudo se torna uma completa aberração de difícil controle.

A crença no “marxismo cultural” atual emergiu no contexto complexo da conjuntura econômica e política do capitalismo contemporâneo e, que em 2020, viveu-se a maior crise sanitária do último século. A pandemia do coronavírus (COVID-19) ceifou as vidas de milhões de pessoas e serviu também de justificativa para a penetrabilidade do ultraliberalismo na economia e na saúde⁴. Tudo isto ‘soldado’ pela ascensão do fascismo de novo tipo (ou, simplesmente, neofascismo) nestes momentos específicos do modo de produção capitalista, cuja intensificação das medidas neoliberais – uma espécie de ultraneoliberalismo – não tem sido mais suficiente para que o capital financeiro apresente saídas à crise.

Afinal, o fascismo eclode em situações históricas muito específicas, onde um conjunto de elementos precisam se amalgamar para permitir a fascistização social⁸. Mas um elemento essencial de processo é quando a burguesia não consegue lidar com a

cronicidade das crises capitalistas e todos os conflitos por elas engendrados. Ora, se hoje se vive em um período de crises de longa duração, como muito bem definiu Roberts⁹, caracterizado pela queda intensa da taxa de lucro e crescimento vertiginoso do capital financeiro, o fascismo se torna uma escolha atrativa para as classes dominantes, principalmente nos países de capitalismo dependente, como é o caso do Brasil¹⁰ no qual as teorias conspiratórias tomam fôlego, especialmente no caso da teoria do “marxismo cultural” que apresenta uma verve claramente anticomunista em um mundo em decadência capitalista.

Diante da complexidade desta situação, este estudo visa analisar a relação entre os problemas relacionados à gestão sanitária da crise do COVID-19 no mundo com argumentos conspiratórios apresentados pelo “marxismo cultural”.

Método

Objetivo e pergunta da revisão

Tratou-se de uma revisão sistemática crítica^{10,11}, com foco em revistas que publicam conteúdos marxistas.

A revisão foi guiada através da pergunta de pesquisa definida como ‘o que a literatura científica marxista apresenta sobre a gestão sanitária da COVID-19 no mundo e os argumentos conspiratórios do “marxismo cultural”?’’. A pergunta permitiu a delimitação de alguns termos livres utilizados para realizar a busca nas fontes de dados elencadas.

Fontes de dados e estratégias de pesquisa

A busca bibliográfica dos estudos foi realizada inicialmente em 70 revistas brasileiras e estrangeiras que publicam conteúdo marxista. Julgou-se relevante incluir anais de eventos científicos que divulgam conteúdo marxista, promovidos pelo Núcleo Interdisciplinar de Estudos e Pesquisas sobre Marx e o Marxismo (NIEP-Marx). Os limites do idioma foram português, inglês, francês e espanhol. Desse modo, buscou-se cobrir o espectro de estudos publicados em diversas regiões geográficas, conforme exposto no quadro 1.

Quadro 1. Fontes de dados classificadas segundo a região geográfica de publicação.

Região geográfica	Fontes de dados
I. Brasil	Argumentum; Cadernos Cemarx; Crítica Marxista; Dialectus; Espaço Livre; Germinal; Marxismo e Educação em Debate; HistedBROnline; Katálysis; Marx e Marxismo; Marxismo e Autogestão; Novos Rumos; Outubro; Práxis e Hegemonia Popular; Princípios; Despierta; Enfrentamento; Posição; Práxis Educativa; Trabalho Necessário; Estudos Feministas; Temporalis; Verinotio e NIEP-Marx.
II. América Latina	Pacarina Del Sur; Izquierdas; Nuestra America; Viento y Sur e Utopia Y Práxis Latinoamericana.
II. Europa e América do Norte	Acta Sociologica; Against the Current; Antipode; Arena Journal; British Journal of Sociology; Cahiers Marxistes; Capital & Class; Capitalism, Nature and Socialism; Carré Rouge; Catalyst: A Journal of Theory and Strategy; Challenge; Competition & Change; Contretemps - revue de critique communiste; Critical Education; Critical Horizons; Critique Journal of Socialist Theory; Globalizations; Historical Materialism; International Labor and Working Class History; International Socialism; Journal for Critical Education Policy Studies; Journal of Critical Globalisation Studies; Journal of Critical Realism; Latin American Perspectives; Links: International Journal of Socialist Renewal; Mediations; Mouvements des idées et des luttes; New Left Review; New Proposals: Journal of Marxism and Interdisciplinary Inquiry; Österreichische Zeitschrift für Soziologie; Philosophy & Social Criticism; Quaderni Materialisti; Radical History Review; Radical Teacher; Rethinking Schools; Review for Radical Political Economics; Social Forces; Socialism and Democracy; Socialist Register; The International Marxist-Humanist; TripleC: Communication, Capitalism & Critique e Zeitschrift Marxistische Erneuerung.

Fonte: elaboração dos autores

Os termos livres derivados da pergunta de pesquisa foram os seguintes: marxismo cultural (com e sem aspas), Escola de Frankfurt (com e sem aspas), guerra cultural (com e sem aspas), conservadorismo (com e sem aspas) e bolchevismo (com e sem aspas).

Foram realizadas três etapas de identificação de publicações nas fontes de dados selecionadas. Na primeira etapa os termos livres sem aspas e suas respectivas traduções foram buscadas em cada uma das fontes de dados. A segunda etapa foi realizada com as fontes que ultrapassaram 50 publicações recuperadas, de modo que a busca foi refeita com a utilização de aspas, na tentativa de refinar os resultados. Uma terceira etapa foi realizada com as fontes elegíveis na primeira etapa, refazendo-se a busca com a combinação entre os termos-primários por meio do uso do operador booleano “AND”.

Dessa forma, a combinação de termos livres utilizada na terceira etapa de identificação das publicações em cada uma das fontes com os seguintes termos: ‘pandemia’, ‘COVID-19’ e ‘fake news’, realizando as seguintes combinações: marxismo cultural AND pandemia, marxismo cultural AND COVID-19, marxismo cultural AND fake news, marxismo cultural AND pandemia AND COVID-19, marxismo cultural AND pandemia AND fake news, marxismo cultural AND COVID-19 AND fake news; Escola de Frankfurt AND pandemia, Escola de Frankfurt AND COVID-19, Escola de Frankfurt AND fake news, Escola de Frankfurt AND pandemia AND COVID-19, Escola de Frankfurt AND pandemia AND fake news, Escola de Frankfurt AND COVID-19 AND fake news; guerra cultural AND pandemia, guerra cultural AND COVID-19, guerra cultural AND fake news, guerra cultural AND pandemia AND COVID-19, guerra cultural

AND pandemia AND *fake news*, guerra cultural AND COVID-19 AND *fake news*; conservadorismo AND pandemia, conservadorismo AND COVID-19, conservadorismo AND *fake news*, conservadorismo AND pandemia AND COVID-19, conservadorismo AND *fake news*, conservadorismo AND COVID-19 AND *fake news*; bolchevismo AND pandemia, bolchevismo AND COVID-19, bolchevismo AND *fake news*, bolchevismo AND pandemia AND COVID-19, bolchevismo AND COVID-19 AND *fake news*.

Participaram dessa etapa um total de 13 revistas: Crítica marxista; Viento Sur; Acta sociologica; British Journal of Sociology; Capital & Class; Competition and Change; Contratemp – revue de critique communiste; Globalizations; Historical Materialism; Journal of Critical Realism; Links: International Journal os Socialist Renewal; Philosophy and Social Criticism e Socialism and Democracy.

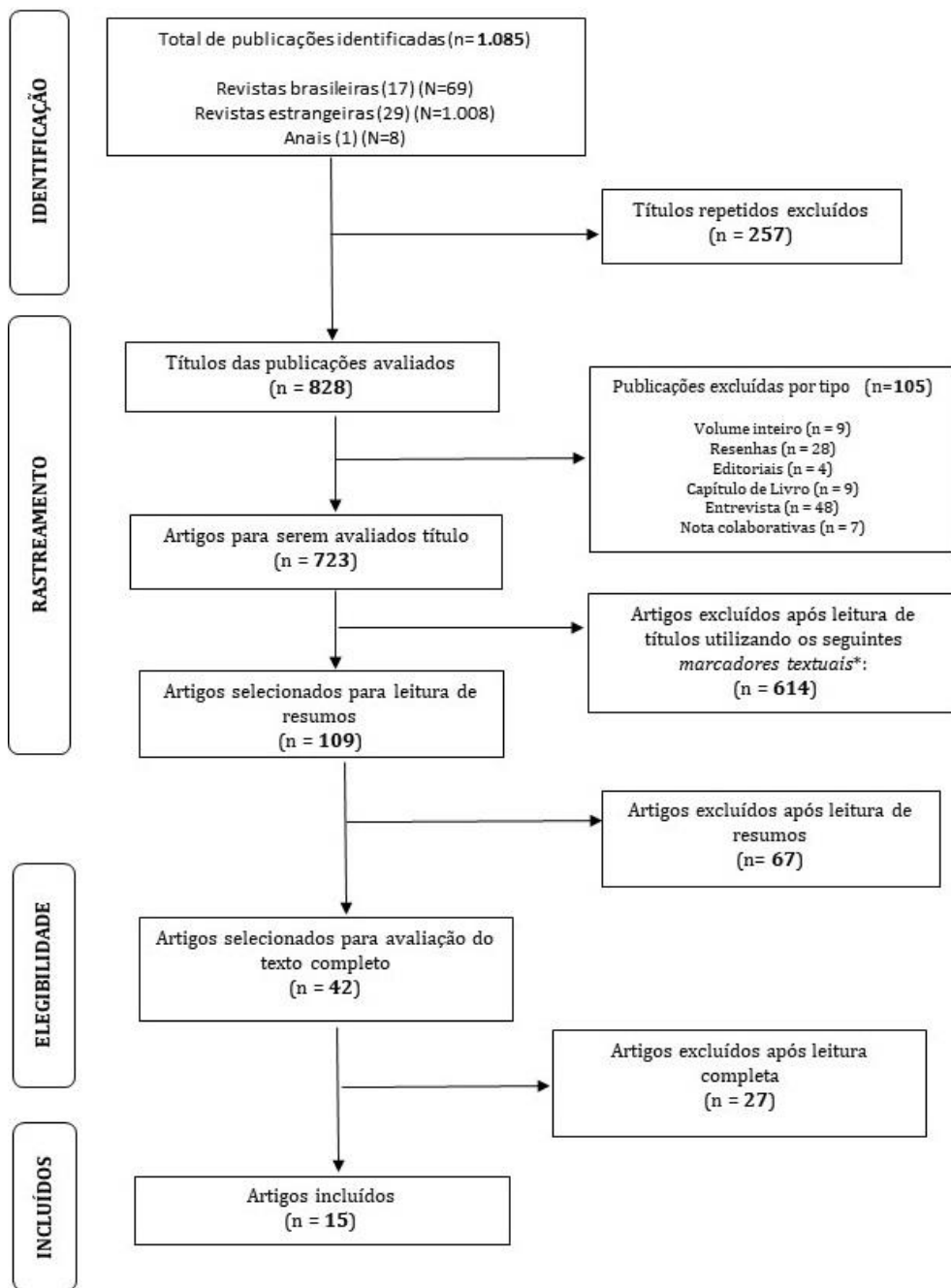


Figura 1. Fluxograma PRISMA sobre o processo de seleção dos artigos incluídos na revisão. 2023.
Fonte: elaboração dos autores.

Análise de dados

A análise dos dados extraídos dos artigos incluídos será realizada com o auxílio da análise crítica do conteúdo. Na análise marxista o uso de métodos e técnicas devem estar adaptados ao estudo do objeto, ou seja, à materialidade no qual se encontra na empiria do ser humano em seu sistema de relações sociais. Por isso, o uso de questionários, entrevistas, observação, experimentação social, análise de conteúdo de documentos ou o uso de múltiplos métodos estatísticos e matemáticos para a coleta e

processamento das informações devem ser requeridos em função de como esta empiria “aparece”¹².

Revisar o conteúdo de estudos marxistas é um desafio¹³ especialmente pela necessidade de se manter a perspectiva analítica dentro do marxismo, mas sem perder os limites (muitas vezes tênues) de suas correntes internas. Por isso, para manter a coerência em busca da criticidade necessária nesta revisão, utilizou-se a Análise de Conteúdo Crítica. Este é um método para o estudo de textos que também oferece flexibilidade (seja na análise de temas, conceitos, categorias etc.) com vistas a expor o poder na construção deste conhecimento¹⁴, afim de reconstruir os conteúdos dos artigos incluídos à luz da crítica¹⁵.

Por fim, utilizou-se o método materialista histórico-dialético como método de exposição conforme abordado por Müller¹⁶ na seguinte sequência de construção demonstrativa: exposição, procedimento progressivo-regressivo, contradição e crítica. O conceito fundamental em Marx é o de “exposição”, que designa o modo como o objeto, suficientemente apreendido e analisado, desdobra-se em suas articulações próprias e como o pensamento as desenvolve em suas determinações conceituais correspondentes, organizando um discurso metódico^{16,17}.

Resultados

Os 15 artigos incluídos na revisão, conforme o fluxograma apresentado, foram lidos na íntegra e foi extraído de seu conteúdo as seguintes informações: autor(es); metodologia; objetivos; principais resultados de acordo com a pergunta de pesquisa (gestão sanitária vs. crise sanitária e conspiracionismo geral ou do “marxismo cultural”); termo usado no artigo para o conspiracionismo, assim como as soluções encaminhadas pelos autores ao final de cada artigo, tanto em curto quanto em longo prazo.

Os artigos incluídos apresentaram resultados diversos que tangenciaram a pergunta da pesquisa. Apenas 1 artigo nomeou o conspiracionismo sob o título de “marxismo cultural” em sua análise, porém sem abranger as questões da gestão em saúde. A maioria dos artigos explorou a pandemia da COVID-19 e seus desdobramentos econômicos e políticos através de uma perspectiva histórico-crítica, buscando compreender a influência do sistema capitalista e da política ultraneoliberal adotada na tomada de decisões em saúde, bem como a presença de discursos de caráter negacionista e conspiracionistas (sem nomear, necessariamente, que tipo de teoria conspiratória se baseava as afirmações) presentes tanto na gestão quanto na crise sanitária.

Neste sentido, pode-se classificar os artigos incluídos nesta revisão em três grupos. O *primeiro* grupo é composto por 1 artigo¹⁸ que não relaciona claramente os discursos de caráter negacionistas e conspiracionistas com a gestão e/ou crise sanitária da COVID-19. Nesse primeiro grupo, o conspiracionismo do tipo “marxismo cultural” é descrito e analisado, porém a questão da gestão não é explorada.

O *segundo* grupo é composto por 14 artigos¹⁹⁻³² que relacionam claramente os discursos de caráter negacionistas e conspiracionistas com a gestão e/ou crise sanitária da COVID-19. Alguns artigos^{18,22-24,26-32} tratam da gestão da pandemia, enquanto outros artigos^{20,21,25,31} tratam da problemática da pandemia enquanto crise sanitária. Todos os artigos incluídos nesse grupo exploram o conspiracionismo em geral para descrever os discursos negacionistas e/ou conspiratórios (quadro 2).

Quadro 2. Artigos incluídos por autor, ano, metodologia, objetivos e principais resultados e sua relação com a pergunta de pesquisa. Maio/2023.

Autor(es), Ano	Metodologia	Objetivos	O quê os artigos tratam em seus principais resultados?	
			‘crise sanitária’ ou a ‘gestão sanitária’?	‘conspiracionismo’ em geral ou do “marxismo cultural”?
Carnut, L. Regis, CG. 2022. ¹⁸	Revisão bibliográfica	Discutir o papel do “marxismo cultural” como uma estratégia realizada pela burguesia.	Não explora.	“Marxismo cultural” ▪ Tipo de ofensiva da extrema direita, do neofascismo em tempos de ultraneoliberalismo.
Cardoso, PFG. Câneo, G. 2021. ¹⁹	Revisão bibliográfica	Elucidar a formação profissional crítica em Serviço Social perante a radicalização do conservadorismo na pandemia da COVID-19.	Gestão sanitária ▪ Problemas de isolamento social mal executado; Negacionismo da ciência; ▪ Incompetência na gestão (questão das vacinas); ▪ Grande numero de mortos pela pandemia (principalmente negros e pessoas de baixa renda; ▪ Políticas de contrarreformas adotadas.	Conspiracionismo em geral ▪ Negacionismo federal; ▪ Atraso na compra de vacinas; ▪ Ausência de logística eficiente na compra de oxigênio; ▪ Tratamento precoce sem comprovação científica; ▪ Relação direta do conservadorismo e a pandemia.
Riechmann, J. 2020. ²⁰	Análise crítica	Relacionar a crise ecológica e climática com a pandemia e com a questão do negacionismo.	Crise sanitária ▪ Mostra-nos que tudo está conectado; ▪ Somos ecodependentes.	Conspiracionismo em geral ▪ Negacionismo (não acreditar nos diversos estudos anunciando possíveis pandemias); ▪ Pontua quatro níveis de negacionismo: nível zero (negação de fatos que ocorreram anos atrás; nível um (negação climática); nível dois (negacionismo da finitude humana); nível três (rejeição da gravidade da atual situação, persistindo em encontrar soluções dentro do sistema). ▪ Relacionando o terceiro nível rejeitando o cenário atual e confiando que o capitalismo encontrará a solução.
Almeida, EJ. Miguel, TS. 2020. ²¹	Análise crítica	Analisar a conjuntura atual e as respostas durante o enfrentamento da pandemia da COVID-19.	Crise sanitária ▪ Problemática do capitalismo no enfrentamento da pandemia; ▪ A pandemia acabou abrindo espaço para mais exploração e injustiça social.	Conspiracionismo em geral ▪ Teorias da conspiração sobre a origem do vírus (“sopa de morcego” a “guerra biológica”).
Arruza, C. 2020. ²²	Análise crítica	Analisar a conjuntura mundial durante o enfrentamento da pandemia.	Gestão sanitária: ▪ Pontua a irresponsabilidade de empresas que não adotaram medidas de isolamento social (cita Amazon); ▪ Enfrentamento durante a pandemia não foi homogêneo no mundo; ▪ Atraso para a tomada de decisões nos EUA, Reino Unido, Itália; ▪ A crise concentrou ainda mais o poder do executivo em países com governos autoritários: Hungria, Índia, Israel.	Conspiracionismo em geral ▪ Brasil (Bolsonaro): posições negacionistas, isolamento político como resultado, estímulo de uma tomada regional de poderes de emergência; ▪ EUA (Trump): recusou-se a declarar o confinamento e insiste em admitir a autonomia e flexibilidade dos estados federados na hora de adotar as medidas;

Bassil, N. Bayarri, G. 2020. ²³	Análise crítica	Promover um debate acerca da hegemonia neoliberal nos EUA, no Brasil e no Oriente Médio e do fascismo no governo Trump e Bolsonaro na pandemia da COVID-19.	Gestão sanitária <ul style="list-style-type: none"> ▪ Gestão fascista (Trump e Bolsonaro); ▪ Analisa as faces do bolsonarismo. 	Conspiracionismo em geral <ul style="list-style-type: none"> ▪ Discursos negacionistas a fim de minimizar a pandemia.
Katz, C. 2020. ²⁴	Análise crítica	Analisar criticamente a determinação econômica (capitalista) na pandemia e o negacionismo adotado por diversos líderes.	Gestão sanitária <ul style="list-style-type: none"> ▪ Negacionismo na tomada de decisões durante a pandemia; ▪ Presença de argumentos negacionistas nessa tomada de decisões. 	Conspiracionismo em geral <ul style="list-style-type: none"> ▪ Aponta discursos negacionistas a respeito da pandemia, como por exemplo, a origem do vírus.
Tanuro, D. 2020. ²⁵	Análise crítica	Pontuar oito reflexões acerca da pandemia da COVID-19 e seu contexto econômico, político e social.	Crise sanitária <ul style="list-style-type: none"> ▪ Crítica ao sistema capitalista durante o enfrentamento da pandemia – a barbárie capitalista. ▪ Questão climática como consequência do capitalismo. 	Conspiracionismo em geral <ul style="list-style-type: none"> ▪ Presença de discursos negacionistas além das estratégias autoritárias.
Barrutia, I. 2020. ²⁶	Análise crítica	Analisar a manipulação midiática em tempos de COVID-19.	Gestão sanitária <ul style="list-style-type: none"> ▪ Perda dos direitos durante a pandemia. 	Conspiracionismo em geral <ul style="list-style-type: none"> ▪ Falta de criticidade na busca de informações, principalmente em tempos de pandemia.
Machado, J. 2020. ²⁷	Análise crítica	Debater a atuação do governo Bolsonaro durante a pandemia.	Gestão sanitária <ul style="list-style-type: none"> ▪ Bolsonaro e suas decisões políticas durante a pandemia: ameaça aos direitos humanos e democráticos (congresso e STF), conflitos com estados e municípios 	Conspiracionismo em geral <ul style="list-style-type: none"> ▪ Divulgação de <i>fake news</i>.
Rosa, LN. 2021. ²⁸	Análise crítica	Discutir sobre a conjuntura do sistema capitalista e a crise ecológica, assim como a relação entre capitalismo e ciência no contexto da pandemia.	Gestão sanitária <ul style="list-style-type: none"> ▪ Visão dicotômica natureza vs. sociedade; ▪ Aponta que a investigação científica também tem outros objetivos (empresas privadas). 	Conspiracionismo em geral <ul style="list-style-type: none"> ▪ Negacionismo e teorias da conspiração durante a pandemia nessa nova relação com a ciência; ▪ Aponta as experiências com negacionismo nos EUA, Brasil e Reino Unido.
Rojo, LM. Delgado, A. 2021. ²⁹	Análise crítica	Analisar argumentos negacionistas e conspiratórios durante a pandemia no governo Trump.	Gestão sanitária <ul style="list-style-type: none"> ▪ Medidas de ação que buscam a ditadura e o fascismo. 	Conspiracionismo em geral <ul style="list-style-type: none"> ▪ Discursos negacionistas; ▪ Questionamento da verdade; ▪ Propagação da mentira; ▪ Conspirações do que se pode estar por trás da pandemia.
Seymour, R. 2022. ³⁰	Análise crítica	Analisar a relação de Trump com a ascensão do fascismo também no contexto da pandemia.	Gestão sanitária <ul style="list-style-type: none"> ▪ Análise do governo Trump (fascista ou não?), a tentativa de minimizar a ameaça da COVID-19 através de discursos negacionistas (gripe chinesa, etc). 	Conspiracionismo em geral <ul style="list-style-type: none"> ▪ Negacionismo de Trump na pandemia.
Pearson, S. 2020. ³¹	Análise crítica	Demonstrar como as teorias da conspiração ganharam	Crise sanitária <ul style="list-style-type: none"> ▪ Pandemia abriu ainda mais espaço para teorias 	Conspiracionismo em geral <ul style="list-style-type: none"> ▪ Aumento dos adeptos dessas teorias

		espaço na atual conjuntura.	conspiratórias	
Bergem, IM. 2022. ³²	Análise de entrevistas	Análise de entrevistas de negacionistas com relação à pandemia da COVID-19.	As entrevistas estão no contexto da pandemia.	Conspiracionismo em geral <ul style="list-style-type: none"> ▪ Visões conspiratórias dos participantes do Movimento dos Coletes Amarelos na França.

Fonte: elaboração dos autores

Quadro 3. Artigos incluídos por autor, ano, tipo de termo utilizado no artigo para citar o conspiracionismo e soluções encaminhadas a curto e a longo prazo. Maio/2023.

Autor(es), Ano	Qual o termo o artigo usa para o 'conspiracionismo'?	O artigo encaminha soluções? A curto ou a longo prazo? Quais?
Carnut, L. Regis, CG. 2022. ¹⁸	Marxismo cultural	Sim, a longo prazo. <ul style="list-style-type: none"> ▪ Expor as características do “marxismo cultural” e sua crítica à educação pública no país.
Cardoso, PFG. Câneo, G. 2021. ¹⁹	Negacionismo	Sim, a longo prazo. <ul style="list-style-type: none"> ▪ Posicionar-se criticamente contra o conservadorismo presente na formação profissional tecnicista e acrítica; ▪ Defender uma formação crítica com visão da totalidade, que suscite reflexão nos discentes, resistindo às ideias simplistas na formação; ▪ Aprender a dialogar com profissionais e discentes que defendem essas ideias.
Riechmann, J. 2020. ²⁰	Negacionismo	Sim, a longo prazo. <ul style="list-style-type: none"> ▪ Criar alternativas à brutalidade do sistema capitalista.
Almeida, EJ. Miguel, TS. 2020. ²¹	Teorias da conspiração sobre a origem do vírus (guerra biológica, sopa de morcego)	Sim, a curto prazo. <ul style="list-style-type: none"> ▪ Implantar medidas de proteção às pessoas durante a pandemia com maiores recursos e acesso aos serviços de saúde.
Arruza, C. 2020. ²²	Negacionismo	Sim, a curto e a longo prazo. <ul style="list-style-type: none"> ▪ A curto prazo orienta a gestão imediata da pandemia; ▪ A longo prazo demonstra a importância na transformação das relações sociais de produção.
Bassil, N. Bayarri, G. 2020. ²³	Negacionismo	Sim, a curto e a longo prazo. <ul style="list-style-type: none"> ▪ Lutar contra líderes autoritários de extrema-direita.
Katz, C. 2020. ²⁴	Negacionismo	Não apresenta clareza em encaminhar soluções.
Tanuro, D. 2020. ²⁵	Negacionismo	Sim, a longo prazo. <ul style="list-style-type: none"> ▪ Acabar com as políticas de austeridade fiscal; ▪ Redistribuir das riquezas; ▪ Refinanciar e desprivatizar o setor da saúde; ▪ Acabar com as patetes; ▪ Atacar ao capitalismo, em si.
Barrutia, I. 2020. ²⁶	Negacionismo	Sim, a longo prazo. <ul style="list-style-type: none"> ▪ Exercitar criticidade na busca de informações.
Machado, J. 2020. ²⁷	<i>Fake News</i>	Sim, a curto e longo prazo. <ul style="list-style-type: none"> ▪ Fortalecer a oposição no Brasil.
Rosa, LN. 2021. ²⁸	Negacionismo e teorias da conspiração (não especificadas)	Sim, a longo prazo. <ul style="list-style-type: none"> ▪ Refletir sobre as condições de vida e de ciência que se produz no mundo desigual e devastado ecologicamente.
Rojo, LM. Delgado, A. 2021. ²⁹	Negacionismo e teorias da conspiração (o <i>establishment</i> como inimigo); discursos do QAnon, grupo Vox e grupo Cayetanos	Não apresenta.
Seymour, R. 2022. ³⁰	Negacionismo e teorias da conspiração (grupos relacionados à extrema direita – cita Qanon)	Não apresenta.
Pearson, S. 2020. ³¹	Teorias da conspiração (QAnon, Piers Corbyn – nega a emergência climática; Bill Gates - vacina vs. 5G; Alex Jones – defesa da liberdade)	Sim, a longo prazo. <ul style="list-style-type: none"> ▪ Construir de um movimento de massa para derrubar o capitalismo.
Bergem, IM. 2022. ³²	Negacionismo e teorias da conspiração (Nova Ordem Mundial, antivacina, criação de vírus pelo Instituto Pasteur, entre outros)	Não apresenta.

Fonte: elaboração dos autores. 2023.

Discussão

Realizou-se a análise do conteúdo crítico dos artigos incluídos por meio de 5 categorias de análise e, posteriormente, subgrupos internos em cada uma das categorias: a) aspectos metodológicos dos artigos; b) perspectivas no campo da saúde: crise ou gestão sanitária?; c) influências conspiracionistas: conspiracionismo geral ou marxismo cultural?; d) o panorama das teorias conspiratórias; e) o que fazer? as soluções encaminhadas.

Aspectos metodológicos dos artigos

Nessa categoria, os artigos foram classificados de acordo com as suas semelhanças metodológicas, identificando-se 3 subtemas. O primeiro subtema agrupa estudos que realizaram como metodologia a revisão bibliográfica^{18,19}. A metodologia da revisão bibliográfica é muito utilizada nos estudos da área do serviço social (área das revistas nas quais ambos os artigos foram identificados)³³. É tradição da área realizar estudos críticos por meio de da descrição histórico-crítica de determinado tema (no caso a influência da extrema direita e do conservadorismo na educação brasileira¹⁸ e na formação profissional crítica em Serviço Social¹⁹) utilizando uma abordagem marxista para construção da teoria social crítica³³. O método usado ajuda a identificação de argumentos críticos e contra-hegemônicos ao tema (que não perpassa as noções de “infodemia”¹, por exemplo, e ainda ajuda a ter uma visão histórica da questão.

O segundo subtema agrupa estudos que discorrem o tema através de uma análise crítica²⁰⁻³¹ sobre o cenário pandêmico, debruçando-se em uma perspectiva histórico-crítica para analisar a conjuntura abordada nos estudos. Estes estudos, grosso modo, apresentaram análises de conjuntura de caráter mais jornalístico, discorrendo de reflexões, apontamentos e denúncias a respeito da conjuntura atual.

O terceiro subtema classifica um estudo que adotou a metodologia de análise de entrevistas³² realizadas durante a pandemia da COVID (2021), de forma remota, com membros do *Mouvement des Gilets Jaunes* (Movimento dos Coletes Amarelos), grupo conhecido enquanto movimento social surgido na França em 2018.³⁴ Este tipo de metodologia de entrevistas para este tipo de pergunta que a revisão aqui realizada se propõem é muito relevante haja vista a necessidade de se ter a percepção das pessoas sobre como elas “sentem” a presença e impactos do negacionismo/marxismo cultural no manejo da COVID-19. As entrevistas sempre são ‘uma vista entre dois pontos de vista

distintos³⁵ o que ajuda a compreender melhor o fenômeno em sua interação e não apenas por meio, unicamente, das compreensões teóricas de pesquisadores ou jornalistas.

Perspectivas no campo da saúde: crise ou gestão sanitária?

Nessa categoria, considerou-se as perspectivas no campo da saúde elaboradas nos estudos e foram constatados 2 subtemas de análise nos quais os artigos se centravam. Um grupo de artigos fazia ênfase à ‘crise sanitária’ (como relacionada como negacionismo/marxismo cultural na COVID-19) e outro grupo deu ênfase à ‘gestão sanitária’ como elemento relacionado à temática anteriormente citada. Apenas 1 artigo não explorou a questão da saúde.

Os estudos que adotaram a perspectiva da crise sanitária^{20,21,25,31} expuseram as contradições do capitalismo, principalmente em como se configura o seu modo de produção e as repercussões para o meio ambiente. Riechmann²⁰ discorre sobre como a pandemia escancarou a ecodependência, descortinando o quanto a forma em que produzimos o mundo tem sérias consequências para o meio ambiente, onde a exploração violenta do capital rompe com a dinâmica ecológica, possibilitando o surgimento de doenças que podem se disseminar a nível de uma pandemia³⁶. De acordo com o autor, diversos estudos denunciaram essa tragédia anunciada, mas a ciência vem sendo constantemente negada. Almeida e Miguel²¹ debatem sobre a contradição do enfrentamento da pandemia dentro da dinâmica capitalista, resultando em um abismo social de desigualdade ainda mais opressivo. Apontam que esse mesmo enfrentamento foi feito à sombra de argumentos negacionistas e teorias conspiratórias. Tanuro²⁵ pontua oito teses sobre a pandemia da COVID-19, refletindo sobre a problemática do sistema capitalista, a questão climática e sobre como isso influencia o surgimento de figuras políticas que manifestam discursos negacionistas e antidemocráticos. Person³¹ se atenta para os problemas estruturais do sistema dentro da crise sanitária e reflete sobre o espaço criado para o florescimento de grupos conspiracionistas.

Os autores consideram que a pandemia da COVID-19 foi consequência absoluta da conjuntura econômica, política e, conseqüentemente, ambiental em que estamos inseridos. Ou seja, tratando-se da questão da saúde abordada, compreende-se que há uma crise que responde à estrutura e dinâmica do sistema capitalista. Crise essa que não é recente. Roberts⁹ descreve a crise do capitalismo moderno como uma crise de longa depressão que vem se arrastando principalmente desde a década de 1970, caracterizada por uma queda – sem recuperação – da taxa de lucro do capital produtivo. As contradições

– econômica, ambiental e geopolítica – do modo de produção capitalista se intensificaram no século XXI. O *crash* financeiro global de 2008, seguido de intensa recessão econômica, a exploração predatória no meio ambiente impactando na questão climática e na liberação de novos patógenos (a COVID-19 é um exemplo) e a luta pelo lucro entre as potências capitalistas mundiais resultando em guerras. Esses conflitos, nesse tempo histórico, conceberam uma crise política onde a legitimidade da democracia é questionada¹. A incapacidade do Estado capitalista em responder à essas crises abalam o ideário social, tornando o solo fértil para a ascensão e disseminação de teorias conspiratórias. Essas teorias “respondem” facilmente questões muito complexa da atual conjuntura econômica e tornam-se muito populares na vida cotidiana das pessoas. A população muitas vezes sem acesso a informação qualificada – ou com nível de decodificação social pouco elaborado – tendem a aderir a esses discursos do que necessariamente às teorias científicas tanto biológicas quanto sociais. Neste contexto culmina-se o triunfo da irracionalidade.

Já os estudos que adotaram a perspectiva da gestão sanitária^{19,22-30} trabalham a práxis durante o enfrentamento e gestão da pandemia. Cardoso e Câneo¹⁹, Arruza²² e Katz²⁴ denunciam a completa ausência de um isolamento social efetivo, onde se configuraram medidas de enfrentamento lentificadas e heterogêneas no mundo, como por exemplo o atraso na compra de vacinas. Discutem também a influência dos argumentos de negação da ciência na inércia das providências tomadas desde o início da pandemia. Cardoso e Câneo¹⁹ e Barrutia²⁶ contextualizam a intensificação da pobreza, da injustiça social, da necropolítica e da perda de direitos do trabalhador enquanto estratégias políticas sustentadas por discursos negacionistas e conspiratórios, resultando em mecanismos de desproteção social, o que acaba por colocar os trabalhadores ainda mais às margens da sociedade. Às margens da morte, literalmente.

Arruza²², Bassil e Bayarri²³, Machado²⁷, Rojo e Delgado²⁹ e Seymour³⁰ alertam para o aumento do poder no executivo em alguns países, como Hungria, Índia e Israel. Discutem a instrumentalização de medidas econômicas e políticas que culminaram no avanço da extrema direita e do neofascismo durante a emergência sanitária, expondo principalmente o governo Trump nos Estados Unidos e o governo Bolsonaro no Brasil.

¹Essa crise estrutural do capital gerou, neste tempo histórico, uma crise política de legitimidade da democracia nos países de capitalismo central que se repercutiu em todo mundo sendo, um elemento importante pra ascensão de teorias conspiratórias... típicas de momentos sócio históricos onde crescem as dúvidas sobre “certezas estabelecidas” – como a capacidade do estado em fornecer estabilidade e coesão aos grupos sociais, ou ainda ao capitalismo, em “sempre” poder nos demonstrar o caminho do “progresso”.

Rosa²⁸, por sua vez, reflete sobre a ausência de compreensão da relação entre sociedade e natureza, apontando que a investigação científica responde também aos interesses da classe dominante nessa relação de negação da ciência *versus* a ciência que é aceita pelo capitalismo.

Os estudos que trataram da gestão da pandemia também compreendem e pontuam a lógica perversa do sistema capitalista e na intensificação da política neoliberal adotada (uma espécie de ‘ultraneoliberalismo’). Este ultraneoliberalismo usa-se da ciência (válida) para reaquecer seus negócios e da ciência (inválida – negacionista) para justificar a morte. A ciência que tem validade, é aquela cuja validade lhe é conveniente (pois vira facilmente mercadoria – vacinas, kits diagnósticos, respiradores e todas as tecnologias biomédicas relacionadas à prevenção/diagnóstico/cura da doença). Estes produtos são para aquelas pessoas que podem/devem viver, ou seja, que podem consumir estes produtos da ciência válida. Para os que não pode consumir estes produtos, o negacionismo é a “ciência” necessária. Ela proferida por aqueles que consomem os produtos da ciência válida, mas que têm consciência de sua escassez e, portanto, os consumidores da ciência válida professam o negacionismo para aqueles que podem/devem morrer. A morte, não pode ser anunciada, mas deve ser consequência da crença da população nas “teses negacionistas”. Com a morte efetivada, os consumidores da ciência válida logram seu objetivo: uma morte direcionada para que a crise seja superada.

Influências conspiracionistas: conspiracionismo geral ou marxismo cultural?

Nesta categoria, constatou-se 2 subtemas relacionados às influências conspiracionistas.

Um estudo analisou a influência conspiracionistas do “marxismo cultural”¹⁸, expondo a influência da teoria da conspiração citada na educação brasileira. Mesmo não se tratando de uma análise através da perspectiva da saúde (mais um de seus principais determinantes – a educação), evidencia fortemente a gravidade desse conspiracionismo e suas consequências. É importante perceber como a área da educação foi afetada, pelo menos no Brasil – conforme apresenta o estudo – com o conspiracionismo do “marxismo cultural”. Por isso, talvez a área da educação nomeei de maneira mais clara o “marxismo cultural” como a principal teoria conspiratória que está relacionada com este período de crise e de ascensão do neofascismo e da extrema direita.

Os demais estudos trataram as influências conspiracionistas enquanto um ‘conspiracionismo em geral’¹⁹⁻³² sem citar o marxismo cultural diretamente. Cardoso e

Câneo¹⁹, Riechmann²⁰, Almeida e Miguel²¹, Arruza²², Bassil e Bayarry²³, Katz²⁴, Tanuro²⁵, Barrutia²⁶, Machado²⁷, Rosa²⁸, Rojo e Delgado²⁹ e Seymour³⁰ analisam a presença do negacionismo tanto nos discursos durante a pandemia quanto nas decisões tomadas para seu enfrentamento. O negacionismo, nesses estudos, referiram-se a temas como a negação da existência da COVID-19, a recusa e atraso na compra de vacinas em função da negação da existência da doença, a ausência de isolamento social efetivo e planejado a fim de diminuir o contágio pelo vírus, além de discursos minimizando a gravidade da doença. Este conjunto de afirmações, sem fundamento científico verificável pode ser chamado de “negacionismo”. Diethelm e McKee³⁷ explicam negacionismo é o emprego de argumentos retóricos para dar a aparência de debate legítimo onde não há. A negação é um processo que emprega alguns ou todos os cinco elementos característicos em uma forma combinada: a conspiração; o uso de falsos especialistas; a seletividade; a criação de expectativas impossíveis para com a ciência; e as deturpações e falácias lógicas. Pelo fato da ‘conspiração’ estar contida com um elemento constituinte dos negacionismos, a categoria “negacionismo” (mais generalizante) tende a ser mais usada nos estudos.

Para Riechmann²⁰, existem ‘níveis de negacionismo’: nível zero, que se caracteriza pela negação de fatos que ocorreram no passado; nível um, que seria a negação das questões climáticas; nível dois, um negacionismo que rejeita que somos seres finitos e nível três, definido pela negação da gravidade de determinada situação. O autor pontua a presença do negacionismo de nível três no entendimento da pandemia, ou seja, um negacionismo que acredita que o Estado capitalista burguês encontrará formas de lidar com a emergência sanitária e as suas consequências. Uma completa renúncia à conjuntura atual e ao mecanismo de produção do mundo. Confia-se em uma solução milagrosa e em um sistema falido que precisa ser superado.

Outro ponto importante de análise trazem Arruza²², Tanuro²⁵, Rojo e Delgado²⁹ e Seymour³⁰ relacionando a face do neofascismo e sua ascensão durante a pandemia. Para esses autores, a crise econômica associada à crise sanitária, tratou de abrir ainda mais as fronteiras para o neofascismo, um verdadeiro passe livre à essa nova forma política. O discurso negacionista e/ou conspiratório apontado por esses autores serviram de arcabouço teórico para o avanço da extrema direita durante a pandemia. Há forte presença da análise dos governos de Trump e Bolsonaro nos estudos citados, enquanto governo autoritários e fascistas. É importante reconhecer que divergências teóricas profundas existentes sobre o tempo histórico vivenciado nesta crise do capitalismo contemporâneo

(2007-2008 e suas consequências). Para um grupo de autores de matriz liberal e/ou progressista o há no máximo, um processo de intensificação do caráter autoritário dos Estados em função daquilo que convencionou-se chamar de “crise das democracias”. Em contraponto a esta visão os estudos aqui apresentados^{22,25,29,30} admitem que o que se vive como consequência da crise – mas não só dela obviamente – é a ascensão de um novo tipo de fascismo, adaptado ao século XXI, que demonstra persistências das práticas fascistas e sua recuperação reatualizada em momentos políticos propícios^{38,39}. Estes períodos de fascistização do social coincidem com a emergência e rápida adesão às teorias conspiracionistas, em momentos donde a irrazão é usada para explicar crises sociais complexas e sem um vislumbre de saídas.

Causa certo estranhamento a ausência do termo “marxismo cultural” nas análises realizadas pelos autores. Ora, em todos os discursos negacionistas proclamados principalmente por líderes da extrema direita, pôde-se captar características do conspiracionismo do “marxismo cultural”, então por que não o nomear como deve ser nomeado? É de se compreender que o termo *negacionismo* comunica mais facilmente, porém, consequências graves ocasionadas por essa teoria da conspiração precisam de enfrentamento articulado e crítico. Não é tratando as conspirações com horror e afastamento que o pensamento crítico poderá combatê-las.

O panorama das teorias conspiratórias: quais teorias estão sendo faladas (ou não)?

Esse tema classificou 7 subtemas oferecendo um panorama das teorias conspiratórias analisadas nos estudos.

Um estudo trabalhou aspectos do “marxismo cultural”¹⁸. O “marxismo cultural” se configura como uma teoria da conspiração de grande influência no Brasil, responsável pela disseminação conspiracionista de uma suposta ‘ameaça iminente comunista’, visando a destruição da cultura ocidental, da família e da liberdade. Um culto à insensatez e ao ódio que vem ganhando adeptos fervorosos nos últimos anos. A ascensão neofascista, inclusive, que se solidifica através desse discurso perverso no Brasil e no mundo vem com conjunto com a emergência do “marxismo cultural”. O “marxismo cultural” foi difundido por conservadores de extrema-direita dos Estados Unidos a partir dos anos de 1990. Trata-se de uma “forma de marxismo”, como alegam estes conservadores, que engloba termos econômicos à termos culturais via Escola de Frankfurt. Para estes extremistas de direita, o “marxismo cultural” teria se infiltrado nas sociedades ocidentais

com o objetivo último de destruir suas instituições e valores tradicionais através do estabelecimento de uma sociedade global, “igualitária” e multicultural^{40,41}.

Almeida e Miguel²¹ analisam as teorias da conspiração sobre guerra biológica e a “sopa de morcego”. Adeptos a esse conspiracionismo acreditam haver uma guerra biológica⁴² encabeçada pelos países “comunistas” – no caso da pandemia, a China – a fim de se beneficiar econômica e politicamente, ou seja, a criação da própria doença em laboratório para fins do imperialismo (chinês) e de dominação. Também argumentam que a sopa de morcego era oferecida em mercados tradicionais na China a fim de transmitir a doença. Estes argumentos demonstram um desconhecimento sobre a cultura alimentar chinesa, reforçando uma crença popular estereotipada que fala mais sobre o racismo antichinês mundial do que sobre sua realidade cultural⁴³.

Um estudo²⁷ contemplou o conspiracionismo o nomeando de *Fake News*. O autor explora a divulgação das *Fake News* enquanto estratégia do governo Bolsonaro durante a pandemia da COVID-19, não limitando, porém, sua influência no setor da saúde, mas também como forma de manipulação de massas se fazendo valor de um discurso antidemocrático e autoritário. O gabinete do ódio, por exemplo, utilizou-se de diversas narrativas paranoicas e mentirosas a fim de sustentar as tomadas de decisões durante a gestão da pandemia, como o entendimento de que a COVID-19 seria uma consequência do governo chinês, interessado em exterminar parte da população, produzir e vender vacinas e a instaurar uma ditadura comunista. Como lutar contra a irracionalidade quando ela invade todos os espaços? Ora, em própria cartilha da OPAS¹, escolheu-se tratar dessa problemática como resultado de uma ‘infodemia’ ou ‘desinformação’, sendo que há uma diferença considerável entre ‘desinformação’ e ‘conspiracionismo’. Mas a quem interessa subestimar esse cenário? O conspiracionismo se dispõe a responder facilmente a complexidade da crise econômica e política atual, mantendo a classe trabalhadora alienada e obediente ao Estado burguês, não sendo interessante ao capital que o trabalhador se aproprie de si mesmo. Além disso, em certa medida, o conspiracionismo reforça na população um estado de ‘crise permanente’ que atua como terreno fértil para que medidas autoritárias e/ou fascistas sejam acatadas sem muitos questionamentos. Afinal, estas medidas visam uma saída (ainda que seja pela morte direcionada) de uma crise estrutural profunda que anuncia a sucumbência do capitalismo. Talvez por isso combater a ‘desinformação’ (ao invés do ‘conspiracionismo’), mantenha o foco no agente etiológico, sendo uma narrativa a mais dentre os inúmeros operadores ideológicos

biologicistas que são usados na área da saúde para reduzir o social ao biológico e, por fim, não combater a estrutura do sistema a que estamos inseridos.

Rojo e Delgado²⁹ trabalham aspectos da retórica do establishment como inimigo, onde o inimigo é tudo e todos que estão do *outro lado*. Utiliza-se, através de um verdadeiro malabarismo político e de grande alcance das massas, discursos negacionistas e conspiratórios. Um exemplo são as declarações de Trump em relação à pandemia. Trump, primeiramente, negou a doença, depois passou a minimizá-la. Apontou inclusive uma possível politização da COVID-19, tratando-o como o ‘vírus da oposição’ (partido dos democratas), como uma manobra política para derrubá-lo. Depois passou a proclamar que a pandemia não era culpa dos Estados Unidos, mas sim dos *outros*, ou seja, da China. Nesse cenário conspiracionista, o que existe é a ameaça do mito “comunista” da China perante o mundo, quando, na verdade, observa-se uma ameaça à hegemonia imperialista estadunidense.

No estudo de Pearson³¹, o autor analisou alguns grupos e algumas personalidades adeptas às teorias da conspiração. O movimento ou teoria da conspiração QAnon surgiu em 2017, através de um fórum 4chan (um *website* inglês de conteúdos e autores anônimos) autodenominado “Q”, que alegava ter acesso a documentos e informações sigilosas do governo dos Estados Unidos, denunciando uma suposta rede mundial de pedofilia liderada por membros e por políticos do partido democrata, celebridades de Hollywood, a chanceler alemã Angela Merkel e até o Papa Francisco. Para os adeptos dessa teoria, Trump estaria coordenando uma operação chama STORM no combate à exploração sexual infantil.⁴⁵ Os QAnon têm diversas ramificações e releituras dessas teorias dentro do próprio movimento, não havendo limite para interpretações conspiratóriasⁱⁱ.⁴⁶ O grupo esteve, inclusive, envolvido na invasão ao Capitólio, em janeiro de 2021ⁱⁱⁱ.

ⁱⁱNo caso de QAnon, isso se reflete na narrativa que diz que democratas proeminentes, certas celebridades, financistas e outras figuras influentes fazem parte de um anel satânico e pedófilo global secreto que governa o mundo. Considera-se que o presidente dos EUA, Donald Trump, está lutando secretamente contra essa conspiração e planeja prender as elites do mal durante um evento esperado conhecido como ‘A Tempestade’. Com um inimigo generalizado que é satanizado e considerado perigoso (como uma ameaça à nação americana) e amoral de um lado (‘bode expiatório’), e Trump como um herói messiânico do outro lado, QAnon ressoa principalmente com se fosse um ‘movimento republicano’. Para uma grande parte da sociedade americana que nutre uma forte crença na influência de Deus e de Satanás no mundo, os adoradores secretos do diabo têm sido tradicionalmente um dos inimigos internos proeminentes da nação americana. A noção da necessidade de combater as forças do mal lideradas por Satanás e seus asseclas terrestres está profundamente enraizada no pensamento conspiratório americano e em grande parte da sociedade americana influenciada pelo fundamentalismo cristão.

ⁱⁱⁱPara eles seria crucial a reeleição do Trump para que o mesmo continuasse com a operação STORM, entendem que a COVID-19 foi uma criação “comunista” chinesa, acreditam realmente nessa ameaça.

Outro adepto às teorias conspiratórias é Piers Corbyn, astrofísico inglês, que se posiciona fortemente contra a emergência climática.⁴⁷ Para ele, a mudança climática ocorre de forma natural, provocada pelo aquecimento do sol. A retórica anti-*lockdown* durante a pandemia utilizada pelo ‘*Reform UK*’ – partido político conservador inglês – mobilizou muitos apoiadores e Corbyn estava entre os defensores deste discurso. De acordo com ele, o isolamento social seria o responsável pela miséria e pelo aumento de morte por solidão e suicídio. Em um protesto de Londres em 2020, onde manifestantes comparavam o *lockdown* à Alemanha nazista e negavam a existência da pandemia, Corbyn chegou a proclamar que Bill Gates tinha um grande plano de controlar todos através da vacinação, principalmente através da fertilidade das mulheres, a fim e reduzir a população mundial.⁴⁸

Esse conspiracionismo da “vacina 5G de Bill Gates”, inclusive, ganhou muita força durante a pandemia. Distorcendo uma resposta dada por Gates no site REDDIT em 2020, sobre a previsão de que futuramente todos teriam uma espécie de prontuário digital, como um cartão de vacina eletrônico, em que as pessoas poderão informar seu histórico de saúde. Esta notícia viralizou. Em pouco tempo, milhares de pessoas tiveram acesso à seguinte manchete: ‘Bill Gates: implantes de vacina de microchip 5G para combater o coronavírus’.⁴⁷ Adeptos de movimentos conspiracionistas e de negação da ciência se apropriaram desse discurso, elaborando uma narrativa sobre um plano secreto onde grandes empresários (no caso, Gates) se utilizarão das massas para experimentos visando o lucro e o extermínio de parte da população mundial.⁴⁷

Por fim, Pearson³¹ analisa as falas de Alex Jones, um radialista estadunidense, adepto ao conspiracionismo da extrema direita e fundador do site ‘*Infowars*’. Jones se intitula um libertário e acumula narrativas conspiracionistas em seu repertório. Durante a pandemia, sustentou o discurso da inexistência do vírus, alegando ser na verdade um esquema elaborado pelos ‘globalistas’ para privar os cidadãos da liberdade, respondendo à chamada ‘Nova Ordem Mundial’. Depois chegou a usar seu site para vender suplementos dietéticos e o creme dental “*Superblue*” sob a promessa de que atuariam na prevenção da infecção pelo coronavírus.

Um dos casos mentirosos e paranoicos repercutiu através de um discurso tenebroso onde ele defendeu que o governo americano esteve por trás dos atentados em massa que ocorreram na escola primária de Sandy Hook, no atentado de Oklahoma City e nos ataques de 11 de setembro. Recentemente, Jones foi sentenciado a pagar 1,5 bilhão de dólares após negar o massacre de Sandy Hook. No atentado, um jovem de 20 anos

matou 20 crianças e 6 adultos na escola primária. Jones afirmou e disseminou a informação de que o massacre fazia parte de uma encenação por parte dos opositores das armas de fogo e que os pais das crianças assassinadas seriam atores. Alex Jones declarou falência no Texas. O acovardamento não surpreende.⁴⁸

Por último, Bergen³² tratou em sua pesquisa de entrevistas realizadas por membros do movimento Coletes Amarelos na França. O “*Mouvement des Gilets Jaunes*” é um movimento que teve como estopim o aumento do combustível em 2018, que reuniu manifestantes da classe média trabalhadora francesa, que carregavam uma insatisfação legítima com as condutas reformistas de resposta à crise capitalista de longa duração. Esse movimento ganhou força e acabou por se apropriar de diversos discursos conspiracionistas que explicam prontamente a crise, oferecendo soluções fáceis e milagrosas. É interessante perceber que até movimentos aparentemente progressistas, quando não devidamente politizados, são carreados por discursos conservadores que abrem espaço para o irracionalismo.⁴⁹ Algo muito parecido ocorreu nas manifestações iniciadas no Brasil, em 2013, contra o aumento das passagens do transporte público. O Movimento Brasil Livre (MBL), por exemplo, ganhou inúmeros adeptos e se infiltrou no meio político brasileiro de forma assustadora. Muitos dos entrevistados do movimento dos coletes amarelos também acreditam que existe uma ‘Nova Ordem Mundial’ a teoria da conspiração citada anteriormente. De acordo com ela, existe um grupo secreto da elite política, além de um grupo de poderosos, conhecidos também como ‘globalistas’ que têm como objetivo controlar o mundo. Várias conspirações fazem parte da Nova Ordem Mundial, inclusive os globalistas podem ser comunistas, judeus, banqueiros, Vaticano. Ou até mesmo alienígenas.

Há, por fim, outros movimentos com fortes influências conspiracionistas citados nos estudos²⁹⁻³² como o partido político de extrema direita na Espanha, o Vox, que vem se fortalecendo desde 2018 e conquistando apoio considerável das massas. O partido questiona a noção de violência de gênero, as mudanças climáticas, ponto de discussão importante durante a pandemia, é abertamente contra o aborto, além de rejeitar o movimento LGBTQIA+. Aproveitando-se do contexto econômico e político que oportuniza a ascensão da extrema direita, o Vox possui grandes chances de estabelecer uma aliança com o Partido Popular – partido de direita que venceu as eleições na Espanha no dia 23 de julho de 2023.

O que fazer? As soluções encaminhadas

Nesse tema, classificou-se 3 subtemas. No primeiro subtema, constatou-se estudos que não encaminham soluções^{24,29,30,32}. Os estudos discorrem com criticidade sobre a atual conjuntura sob o contexto da pandemia, mas não apresentam clareza em encaminhar soluções.

No segundo subtema, enumerou-se estudos que adotaram soluções a longo prazo^{18,19,20, 22, 23, 25,26,27,31}. Carnut e Regis¹⁸ defendem que o “marxismo cultural” precisa ser exposto enquanto teoria conspiratória considerando as graves repercussões para a educação brasileira e, conseqüentemente, para formação crítica dos brasileiros. O “marxismo cultural” estabelece também sustentação para toda a maquinaria conspiratória gerida pela extrema direita neofascista, popularizando-se entre as massas. Cardoso e Câneo¹⁹ alerta para a urgência em se posicionar contra o avanço do conservadorismo no campo da educação, tornando possível uma formação profissional crítica. Riechmann²⁰, Arruza²², Tanuro²⁵, Rosa²⁸ e Pearson³¹ concluem que é urgente se opor à brutalidade do sistema capitalista e das relações sociais de seu modo de produção. Alerta quanto à necessidade de mobilização contra o capitalismo. Acabar com a política de austeridade fiscal e as privatizações do setor saúde, assim como financiá-lo adequadamente. Bassil e Bayarri²³ e Machado²⁷ apontam também a urgência em se combater líderes da extrema direita, fortalecendo sua oposição. Barrutia²⁶, por fim, direciona a importância em se exercitar a criticidade na busca de informações. É ponto convergente entre os autores a necessidade de uma educação crítica à estrutura do capitalismo, oportunizando a reflexão histórico-crítica, a fim de elaborar estratégias de combate e superação. É urgente a (re)apropriação da educação, uma vez que ela tem sido instrumentalizada por grupos conspiracionistas e por líderes da extrema direita com o objetivo de alienar ainda mais a classe trabalhadora.

No terceiro subtema, classificou-se estudos que analisaram soluções a curto prazo^{21, 22, 23, 27}. Em análise, Almeida e Miguel²¹ e Arruza²², alertaram sobre a necessidade de gestão imediata da pandemia através de medidas de prevenção e proteção da saúde. As medidas sanitárias citadas como isolamento social, uso de máscara e vacinação se comprovaram eficientes no decorrer da pandemia, com decorrente queda da taxa de internações e mortalidade. Mesmo assim essas teorias ainda perduram desafiando o papel da racionalidade no mundo contemporâneo.

Posição de poder dos sujeitos produtores do conhecimento

Realizou-se a busca por informações sobre os autores dos estudos selecionados para essa revisão, com o objetivo de conhecer suas respectivas áreas de atuação e pesquisa. Buscamos informações sobre cada um deles no Google e selecionamos como fontes dos sites de instituições de ensino, currículo Lattes, ORCID e LinkedIn Corporation.

Entre os 20 autores com informações recuperadas, soubemos que todos estão vinculados à pesquisa em áreas como educação, filosofia, sociologia antropologia, economia e engenharia agrícola. São 15 autores ligados à carreira universitária como professores, 3 são estudantes de pós-graduação, 1 tem formação em engenharia agrícola, com área de pesquisa em ecossocialismo, e é fundador da ONG belga ‘Clima e Justiça Social’, 1 é ativista social com intensa participação em editoriais de revistas marxistas.

Quadro teórico

Com base no paradigma de análise escolhido por cada um dos autores para analisar os resultados de seus trabalhos, foi possível derivar o posicionamento de cada um deles (centralizados na área acadêmica ou no ativismo) e sua influência na visão do problema e nas soluções encaminhadas.

Tal divisão não pretende criar uma dicotomia entre os autores, concebendo-os como aliados ou inimigos de cada uma das classes, mas sim tentar compreender as implicações das ideias adotadas por cada um deles na sua práxis social. Ainda, cabe ressaltar que, dado os limites desta revisão, a análise aqui executada trata apenas de um artigo de cada autor, não sendo possível extrapolá-la para o restante das produções acadêmicas de cada um deles.

Como demonstrado no quadro 4, todos os estudos assumiram um posicionamento crítico ao capitalismo frente ao problema. Os 2 autores que têm suas atividades centradas no ativismo concluem que para lidar com a questão, é necessária uma forte mobilização das massas para a derrubada do capitalismo; os autores com maior tempo despendido na academia trazem também outras perspectivas de enfrentamento como a gestão imediata da pandemia, atenção à proteção social e acesso aos serviços de saúde, formação profissional crítica, entre outros. Os 4 autores que não encaminharam soluções, estão concentrados na área acadêmica.

Quadro 4. Artigos incluídos por autor, ano, área de concentração e posicionamento frente ao problema e estratégias direcionadas. Julho/2023.

Autor(es), Ano	Autores com atividades centralizadas na área acadêmica ou no ativismo?	A posição do autor como influência na visão do problema e estratégias direcionadas
Carnut, L. Regis, CG. 2022. ¹⁸	Acadêmica	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Posicionamento crítico ▪ Expor as características do “marxismo cultural” para o seu enfrentamento
Cardoso, PFG. Câneo, G. 2021. ¹⁹	Acadêmica	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Posicionamento crítico ▪ Formação crítica profissional e luta contra o conservadorismo
Riechmann, J. 2020. ²⁰	Acadêmica	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Posicionamento crítico ▪ Enfrentamento do sistema capitalista
Almeida, EJ. Miguel, TS. 2020. ²¹	Acadêmica	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Posicionamento crítico ▪ Direciona estratégias a curto prazo no campo da proteção social e acesso à saúde durante a pandemia
Arruza, C. 2020. ²²	Acadêmica	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Posicionamento crítico ▪ Gestão imediata da pandemia e enfrentamento do modo de produção capitalista
Bassil, N. Bayarri, G. 2020. ²³	Acadêmica	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Posicionamento crítico ▪ Luta contra líderes da extrema-direita
Katz, C. 2020. ²⁴	Acadêmica	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Posicionamento crítico ▪ Não encaminha soluções
Tanuro, D. 2020. ²⁵	Ativismo	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Posicionamento crítico ▪ Enfrentamento do capitalismo
Barrutia, I. 2020. ²⁶	Acadêmica	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Posicionamento crítico ▪ Criticidade na busca de informações como luta política
Machado, J. 2020. ²⁷	Acadêmica	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Posicionamento crítico ▪ Solução a curto prazo de fortalecimento da esquerda no Brasil
Rosa, LN. 2021. ²⁸	Acadêmica	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Posicionamento crítico ▪ Aponta a necessidade em se refletir sobre a produção da ciência dentro do capitalismo
Rojo, LM. Delgado, A. 2021. ²⁹	Acadêmica	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Posicionamento crítico ▪ Não encaminha soluções
Seymour, R. 2022. ³⁰	Acadêmica	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Posicionamento crítico ▪ Não encaminha soluções
Pearson, S. 2020. ³¹	Ativismo	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Posicionamento crítico ▪ Necessidade em se articular coletivamente para derrubar o capitalismo
Bergem, IM. 2022. ³²	Acadêmica	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Posicionamento crítico ▪ Não encaminha soluções

Fonte: elaboração dos autores. 2023.

Limitações desta revisão

Este artigo, de acordo com a metodologia utilizada, buscou-se sintetizar e refletir criticamente o conhecimento disponível a partir da escolha de revistas e anais de eventos científicos que publicam conteúdo científico marxista. Essa escolha implicou lidar com alguns obstáculos para a recuperação dos artigos: a) disfuncionalidade e layout desorganizado dos buscadores online de algumas revistas; e b) impossibilidade em encontrar esses conteúdos reunidos em bases de dados, sendo necessária a pesquisa em grande quantidade de sites. Isso reflete, em parte, o desprestígio acadêmico experimentado pelos veículos de divulgação teórica contrahegemônica e o desfinanciamento enfrentado por eles como forma de impedir sua circulação. Outro limite a ser destacado diz respeito ao conteúdo dos artigos selecionados para compor esta

revisão. O “marxismo cultural”, enquanto teoria da conspiração, não foi o alvo da maioria dos pesquisadores.

Avanços desta revisão e a agenda de pesquisa

Esta revisão trouxe como avanços a exploração da relação e da influência das teorias conspiratórias, em especial do “marxismo cultural”, com a gestão sanitária da pandemia da COVID-19 em todas suas vertentes (econômica, política, social e ambiental). Ainda que nem todos os autores tenham nomeado o “marxismo cultural” enquanto teoria conspiratória na atual conjuntura, foi possível identificar diversas análises sobre os conspiracionismos e suas repercussões.

A temática do “marxismo cultural” e sua relação com a saúde ainda é conteúdo pouco explorado mesmo em revistas com publicações marxistas. Todos os artigos tangenciaram a pergunta da pesquisa, porém ofereceram importante análise da temática do conspiracionismo de uma forma geral. Isso sinaliza a necessidade de mais autores seguirem essa agenda de pesquisa, para que o conhecimento sobre ela continue avançando no sentido de expor as características do “marxismo cultural” para sua maior compreensão e enfrentamento.

Considerações finais

Por fim, demonstrou-se que as teorias conspiratórias foram profusamente exploradas considerando o tempo-histórico em que estamos inseridos. A pandemia do coronavírus descortinou um cenário de uma longa depressão econômica e profunda crise política que neste tempo-histórico tratou de eleger – não vamos esquecer que democraticamente – líderes totalmente alinhados à agenda fascista. Essas figuras despóticas se utilizam de conspiracionismos diversos a fim de manter as massas eufóricas e disciplinadas. A COVID-19 foi um cenário que fecundou para a usurpação da agenda da saúde pela extrema direita fascista, a fim de manter essas narrativas vívidas.

Porém, é importante reiterar que o conspiracionismo do “marxismo cultural” ainda é tema pouco explorado de acordo com os achados desta revisão, tanto que não tem sido nomeado como tal. É possível encontrar características do “marxismo cultural” nos estudos revisados, porém são nomeados como ‘negacionismo’, ‘fake news’ ou teorias conspiratórias como se fossem necessariamente sinônimos. Essa renúncia ao termo “marxismo cultural” nos desperta a impreterível reflexão – e missão – sobre o que, enquanto oposição crítica ao capitalismo – estamos deixando escapar das nossas próprias

mãos. Se enquanto resistência não ocuparmos esses espaços com debate, informação crítica e articulação política coletiva, a extrema direita assim o continuará fazendo.

Referências

1. OPAS. Entenda a infodemia e a desinformação na luta contra a COVID-19; [Internet]; 2020; [atualizado em 27 jul 2023; citado em 27 jul 2023]. Disponível em: https://iris.paho.org/bitstream/handle/10665.2/52054/Factsheet-Infodemic_por.pdf
2. Coelho, L. Teorias conspiratórias: o mal à Saúde; 2020; [atualizado em 27 jul 2023; citado em 27 jul 2023] Podcast:77 min. Disponível em: <https://outraspalavras.net/podcasts/teorias-conspiratorias-o-mal-a-saude/>
3. Hogenboom, M. Por que as teorias da conspiração são tão populares?; [Internet]; 2018; [atualizado em 27 jul 2023; citado em 27 jul 2023]. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/vert-fut-43320993>
4. Carnut, L. Gil, C. Ofensiva burguesa em tempos de golpe: o “marxismo cultural” na educação brasileira. *Temporalis*; 2022; n. 43, p. 109-122.
5. Agle, J. Xiao, Y. Misinformation about COVID-19: evidence for differential latent profiles and a Strong association with trust in Science. *BMC Public Health*; 2021; [atualizado em 27 jul 2023; citado em 27 jul 2023] 21:89; p.1-12. Disponível em: <https://bmcpublihealth.biomedcentral.com/articles/10.1186/s12889-020-10103-x#citeas>
6. Soares EES, Martins ACM, Fermoseli AFO. Os efeitos das teorias da conspiração acerca do covid-19 e da imunização vacinal. *Sempesq* [Internet]. 2021; [atualizado em 27 jul 2023; citado em 27 jul 2023] (9). Disponível em: https://eventos.set.edu.br/al_sempesq/article/view/15095
7. Choonara, J. A triple crisis. *International Socialist: a quarterly review of socialista theory*; 2020; [atualizado em 27 jul 2023; citado em 27 jul 2023]. Disponível em: <http://isj.org.uk/a-triple-crisis/>
8. Carnut L. “O que o burguês faz lamentando. o fascista faz sorrindo”: Neofascismo, capital internacional, burguesia associada e o Sistema Único de Saúde. *Civitas* [Internet]; 2022; [atualizado em 27 jul 2023; citado em 27 jul 2023]; 22:e41512. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/civitas/article/view/41512>

9. Roberts, M. *The long depression*. Editora Haymarket Books. 2016.
10. Calil, G. A negação da pandemia: reflexões sobre a estratégia bolsonarista; *Serviço Social & Sociedade*; 2021; [atualizado em 27 jul 2023; citado em 27 jul 2023]; (140); Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ssoc/a/ZPF6DGX5n4xhfJNTypm87qS/?lang=pt>
11. Carnut, L. et al. Caminhos para uma revisão sistemática crítica na literatura marxista: A relação ‘marxismo cultural’ e educação superior; *NTQR*; 2022; [atualizado em 27 jul 2023; citado em 27 jul 2023]; (12):e604; Disponível em: http://www.scielo.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2184-77702022000300010&lang=pt
12. Roumiantsev AM, Ossipov GB. La sociologie marxiste et les recherches empiriques. *Sociologie et socialisme*. 1969; 18(14):99-112
13. Soares CB, Campos CMS, Yonekura T. Marxismo como referencial teórico-metodológico em saúde coletiva: implicações para a revisão sistemática e síntese de evidências; *Rev Esc Enferm*; 2013; [atualizado em 27 jul 2023; citado em 27 jul 2023]; 47(6):1403-9; Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reensp/a/YhtfSXzWYVcRFm4JWNFw8Zk/?lang=pt>
14. Utt J, Short KG. Critical content analysis: a flexible method for thinking with theory; *Understanding and Dismantling Privilege*; 2018; 8(2):1-7.
15. Braden EG, Rodriguez SC. Beyond mirrors and windows: a critical content analysis of latinx children’s books. *Journal of Language and Literacy Education*. 2016; 12(2):56-83
16. Müller ML. Exposição e método dialético em ‘O Capital’. *Boletim Seaf*. 1982. (2)1-24.
17. Collin D. *Compreender Marx*. Clasen JA, tradutor. Petrópolis: Vozes; 2006.
18. Carnut, L. Regis, CG. Ofensiva burguesa em tempos de golpe: o “marxismo cultural” na educação brasileira; *Temporalis*; [Internet]; 2022; [atualizado em 27 jul 2023; citado 27 jul 2023]; n.43,p.109-122; Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/temporalis/article/view/38018>
19. Cardoso, P.F.G. Câneo, G. Desafios na formação crítica em tempos de pandemia, neoliberalismo e conservadorismo; *Temporalis*; [Internet]; 2021; [atualizado em 27 jul 2023; citado em 27 jul 2023] n. 41, p. 70-86; Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/temporalis/article/view/34851>

20. Riechmann, J. La crisis del coronavirus como momento del colapso ecosocial. Revista Viento Sur; [Internet]; 2020; [actualizado em 27 jul 2023; citado em 27 jul 2023]; Disponível em: <https://vientosur.info/la-tesis-del-coronavirus-como-momento-del-colapso-ecosocial/>
21. Almeida, E.J. Miguel, T.S. Emergencia sanitária, triage social y crímenes de Estado. Revista Viento Sur; [Internet]; 2020; [actualizado em 27 jul 2023; citado em 27 jul 2023]; Disponível em: <https://vientosur.info/57065-2/>
22. Arruza, C. Gobernanza y conflicto social em tiempos de pandemia. Revista Viento Sur; [Internet]; 2020; [actualizado em 27 jul 2023; citado em 27 jul 2023]; Disponível em: <https://vientosur.info/gobernanza-y-conflicto-social-en-tiempos-de-pandemia/>
23. Bassil, N. Bayarri, G. La cuestión del fascismo. Bonapartismo y crisis contemporânea de la hegemonía neoliberal. Revista Viento Sur; [Internet]; 2020; [actualizado em 27 jul 2023; citado em 27 jul 2023]; Disponível em: <https://vientosur.info/la-cuestion-del-fascismo-bonapartismo-y-crisis-contemporanea-de-la-hegemonia-neoliberal/>
24. Katz, C. La pandemia que estremece al capitalismo (I). Revista Viento Sur; [Internet]; 2020; [actualizado em 27 jul 2023; citado em 27 jul 2023]; Disponível em: <https://vientosur.info/la-pandemia-que-estremece-al-capitalismo-i/>
25. Tanuro, D. Ocho tesis sobre el COVID-19. Revista Viento Sur; [Internet]; 2020; [actualizado em 27 jul 2023; citado em 27 jul 2023]; Disponível em: <https://vientosur.info/ocho-tesis-sobre-el-covid-19/>
26. Barrutia, I. Pandemia y manipulación mediática. Revista Viento Sur; [Internet]; 2020; [actualizado em 27 jul 2023; citado em 27 jul 2023]; Disponível em: <https://vientosur.info/pandemia-y-manipulacion-mediatica/>
27. Machado, J. Pese a desastres y crímenes, el Gobierno de Bolsonaro continua. Revista Viento Sur; [Internet]; 2020; [actualizado em 27 jul 2023; citado em 27 jul 2023]; Disponível em: <https://vientosur.info/pese-a-desastres-y-crimes-el-gobierno-de-bolsonaro-continua/>
28. Rosa, L. N. Ciencia y capitalismo em tiempos de covid. Revista Viento Sur; [Internet]; 2021; [actualizado em 27 jul 2023; citado em 27 jul 2023]; Disponível em: <https://vientosur.info/ciencia-y-capitalismo-en-tiempos-de-covid/>

29. Rojo, L.M. Delgado, A. Desafios políticos del negacionismo. Revista Viento Sur; [Internet]; 2021; [atualizado em 27 jul 2023; citado em 27 jul 2023]; Disponível em: <https://vientosur.info/desafios-politicos-del-negacionismo/>
30. Seymour, R. Trump, la fascisation et l'année du désir prophétique. Revista Contratemp: Revue de critique communiste; [Internet]; 2022; [atualizado em 27 jul 2023; citado em 27 jul 2023]; Disponível em: <https://www.contretemps.eu/trump-etats-unis-fascisme-fascisation-republicains/>
31. Pearson, S. United States: Conspiracy and loathing in Trumpland. Revista Links: International Journal of Socialist Renewal; [Internet]; 2020; [atualizado em 27 jul 2023; citado em 27 jul 2023]; Disponível em: <https://links.org.au/united-states-conspiracy-and-loathing-trumpland>
32. Bergem, I.M. Anti-vaccination as political dissent – a post-political reading of Yellow Vests' accounts of Covid-19, vaccines and the Health pass. Philosophy and Social Criticism; 2022, [atualizado em 27 jul 2023; citado em 27 jul 2023]; Vol. 0(0) 1–26. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/full/10.1177/01914537221141462>
33. Araújo, L. et al. Serviço social e pesquisa científica: uma relação vital para a formação profissional. R. Katálysis. [Internet]; 2020; v. 23, n. 1, p. 81-89; Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-02592020v23n1p81>
34. Pontes, B.M.S. França: movimento social dos “coletes amarelos”. Revista Movimentos Sociais e Dinâmicas Espaciais; [Internet]; 2019; [atualizado em 27 jul 2023; citado em 27 jul 2023]; Disponível em: <https://doi.org/10.51359/2238-8052.2019.240644>
35. Reste, C. D. O potencial da entrevista em contexto educativo: uma experiência investigativa. Educação em Revista; [Internet] 2015; p. 223-248; Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edur/a/5SVJbTD9ysMTPJWC8MtzgGh/?lang=pt>
36. Wallace, R. Pandemia e agronegócio. Doenças infecciosas, capitalismo e ciência. 1ª Edição. Brasil, São Paulo. Agosto de 2020.
37. Diethelm, P., McKee, M. Denialism: what is it and how should scientists respond? European Journal of Public Health, United Kingdom, v. 19, n. 1, p. 2-4, 2009.
38. Carnut, L. Neofascismo como objeto de estudo: contribuições e caminhos para elucidar este fenômeno. Semina. Ciências Sociais e Humanas (Internet), 2020; [atualizado em 27 jul 2023; citado em 27 jul 2023]; 41(1):81-108. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/seminasoc/article/view/38188>

39. Fassin, É. The neo-fascist moment of neoliberalismo. Brave New Europe; [Internet]; 2018; [atualizado em 27 jul 2023; citado em 27 jul 23]; Disponível em: <https://braveneweuropa.com/eric-fassin-the-neo-fascist-moment-of-neoliberalism>
40. Lopes, A. C. Articulações de demandas educativas (im)possibilitadas pelo antagonismo ao “marxismo cultural.” [Comentário]. Arquivos Analíticos de Políticas Educativas, USA, Arizona, v. 27, n. 109, p 1-24, 2019.
41. Schmidt, S. M.; Santos, R. S. Análise do discurso e teoria do marxismo cultural: traços de uma proposta semelhante. XXVII Seminário de Iniciação Científica; 2019; [atualizado em 27 jul 2023; citado em 27 jul 2023]; Disponível em: <https://publicacoeseventos.unijui.edu.br/index.php/salaconhecimento/article/view/11820/10539>
42. Sousa, A. Abrão, R. Santos, V. Gajus, B. Fake news em grupos bolsonaristas. A construção da china como uma ameaça externa. Dossiê: XXI Fórum de Análise de Conjuntura – “América Latina e os impactos multidimensionais da pandemia”; [Internet]; 2022; [atualizado em 27 jul 2023; citado em 27 jul 2023]; Disponível em: https://ieei.unesp.br/index.php/IEEI_MundoDesenvolvimento/article/view/105/109
43. Sacramento, I.; Monari, A. C. P.; Chen, X. O vírus do morcego: fake news e estereotipagem dos hábitos alimentares chineses no contexto da Covid-19. Comunicação & Inovação; [Internet]; 2020; 21(47):82-98; Disponível em: https://seer.uscs.edu.br/index.php/revista_comunicacao_inovacao/article/view/7285/3182
44. Saldanha, P.G. Souza, D.R.R. Movimento QAnon e a religiosidade hackeada: big data, algoritmos e a captura da razão. VIII Seminário Internacional em pesquisas em Mídia e Cotidiano.
45. Vrzal, M. QAnon as a Variation of a Satanic Conspiracy Theory: an Overview. Theory and Practice in English Studies. 2020; 9(1-2):45-66.
46. Moreira, MRC. Cândido, JAB. Alexandre, SF. Torres, GMC. Santos, CMB. Costa, MS. Categorias das fake news sobre COVID-19 disseminadas no primeiro ano da pandemia no Brasil. Mundo Saude [Internet]; 2021; [atualizado em 27 jul 2023; citado em 27 jul 2023]; 45(s/n):221-32. Disponível em: <https://revistamundodasaude.emnuvens.com.br/mundodasaude/article/view/1067>

47. Schubart, E. A populist post-COVID wave?. Future Europe Journal; [Internet] 2022; [atualizado em 27 jul 2023; citado em 27 jul 2023]; Disponível em: <https://feu-journal.eu/issues/issue-1/a-populist-post-covid-wave/>
48. Nwaoboli, E, P. Perceptions of covid-19 infodemic and conspiracy theories in africa: insight from benin city residents in nigeria. International Journal of Engineering Applied Sciences and Technology; [Internet]; 2021; Vol. 6 (5) 65-72; Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/356741528_perceptions_of_covid-19_infodemic_and_conspiracy_theories_in_africa_insight_from_benin_city_residents_in_nigeria
49. Quinan R, Araujo M, de Albuquerque A. A Culpa é da China! : O discurso sino-conspiratório no governo Bolsonaro em tempos de COVID-19. Eco-Pós [Internet]. [atualizado em 27 jul 2023; citado em 27 jul 2023] 24(2):151-74. Disponível em: https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco_pos/article/view/27698